

Nemésio e a Era do Átomo

JOSÉ LUÍS CÂMARA LEME*

Vitorino Nemésio

Era do Átomo / Crise do Homem

Obras Completas Vol. XXII

Introdução de Fernando Gil

Imprensa Nacional / Casa da Moeda,
Lisboa, 2003

É estranho que se fale de crise do homem precisamente quando a humanidade atinge o mais alto nível técnico historicamente conhecido. (57)

I. Berlin, o célebre historiador das ideias começa a sua breve biografia intelectual, *Em Busca do Ideal*, por afirmar que dois factores, entre outros, moldaram a história do homem no século XX: o progresso das ciências da natureza e as "grandes tempestades ideológicas"¹. Não deixa de ser surpreendente o facto de Berlin cingir a metáfora da tempestade aos confrontos ideológicos. Numa primeira leitura, poder-se-ia pensar que a força das ideologias é tal que ninguém escapa ileso à sua tempestade, que todos são por ela arrastados e suas vítimas. Com efeito, o destino da sua família, judeus da Letónia que foram obrigados a refugiar-se em Inglaterra a seguir à Revolução Soviética, parece confirmar isso mesmo². Porém, o próprio percurso intelectual de Berlin como historiador das ideias aponta noutra direcção, mais clássica, no sentido em que vai ao encontro do célebre paradigma do espectador que assiste incólume ao mar revoltado da tempestade descrito no segundo livro *De Rerum Natura* de Lu-

crécio³. Assim, se Berlin circunscreve a metáfora da tempestade ao confronto ideológico é porque ela comporta a um só tempo as duas possibilidades, a do naufrágio e a da sua descrição.

Mas não valerá esta metáfora igualmente para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no século XX? Entre as razões que podem ser convocadas para afastar, a começar pelas mais óbvias, nomeadamente o tom apocalíptico que denega a excelência intelectual da ciência, importa destacar o facto de ela arruinar a ataraxia epicurista que Lucrécio perseguia no seu poema, tranquilidade essa que ele simboliza na condição acima citada do espectador incólume⁴. Com efeito, a ideia de que não é possível escapar ao progresso da ciência e da tecnologia não só se impôs definitivamente como representa mesmo um novo princípio de inquietação. Assim, uma outra imagem se tornou necessária. Vejamos qual.

No início dos anos setenta, Vitorino Nemésio proferiu um conjunto de palestras radiofónicas cuja transcrição publicou em 1976 com o título *Era do Átomo / Crise do Homem*. Este livro foi agora reeditado nas suas obras completas, precedida de uma introdução do filósofo Fernando Gil. Por variadíssimas razões trata-se de uma obra surpreendente. Começamos por destacar duas: em primeiro lugar, porque ela representa no panorama cultural e filosófico português desse tempo qualquer coisa de inaudito, um interesse genuíno pela ciência

e sua história, em contraste com a filosofia que era então prisioneira do debate ideológico ou da arte de ser português; em segundo lugar, porque nas palavras certeiras de F Gil, *...os problemas tratados em Era do Átomo / Crise do Homem... não mudaram substancialmente, antes se agravaram.* (9)⁵.

Antes de vermos que problemas Nemésio tratou, tenhamos presente a advertência que ele anuncia logo na primeira palestra, pois ela não só ajuda a compreender o seu alcance como permite identificar o seu âmbito: os ensaios em causa relevam da filosofia da ciência. Mas avisa-nos que sem prejuízo para o rigor e a especialização, a filosofia das ciências não deve ser apanágio dos cientistas ou filósofos, já que a importância da sua problemática a todos diz respeito (23)⁶. Essa problemática deixa-se sintetizar na questão aparentemente insolúvel do sentido. Questão insolúvel já que o sentido que é descoberto ou doado releva – como a própria noção de sentido implica – das escolhas que se fazem, sejam estas de ordem geral, por exemplo, aquelas que têm a ver com a política científica (v.g. os domínios de investigação privilegiados, entre outras coisas), ou de ordem individual, por exemplo, a relação de adesão, indiferença ou renúncia em relação à ciência e a técnica e o modo como esta participa na forma como os indivíduos constituem uma relação de si a si que informa a relação que tem como os outros e com o mundo em geral.

* Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Nova de Lisboa

Posto isto, vale perguntar como é que as palestras de Nemésio são de pleno direito representativas de uma filosofia da ciência cujo alcance e profundidade ainda hoje apelam à nossa reflexão. O que aqui está em causa, como é evidente, não são as prerrogativas ou as incompatibilidades de um ofício, o que seria absurdo, mas o entendimento que se tem da filosofia, mormente da filosofia da ciência.

Desde o final do século XVIII, com o filósofo E. Kant, que a filosofia distingue claramente o conhecer do pensar⁷. De uma forma sumária, podemos dizer que o objectivo derradeiro da actividade cognitiva é a verdade, mesmo que esta não possa ser objecto de uma posse absoluta, ela funciona como ideia reguladora, de forma que o conhecimento possa pelo menos ser aferido pelo seu grau de verosimilhança, ou seja, em que medida ele se "aproxima" mais da verdade que as outras formas cognitivas que concorrem com ele. Portanto, não é possível falar de conhecimento humano sem ter presente a ideia de verdade. Mas o conhecimento é apenas uma pequena parte daquilo que podemos pensar. Diferentemente da actividade cognitiva, o pensar persegue o sentido. Se fizermos uma aproximação intuitiva ao conceito de sentido, duas vertentes se impõem espontaneamente: a ideia de significação e de orientação. Dizemos que qualquer coisa comporta uma significação (ou tem sentido) quando remete para outra coisa. É o caso de um conjunto de sinais que adquirem sentido quando dominamos as regras que governam a sua utilização. Dizemos também que uma conduta tem sentido quando percebemos o seu móbil, ou seja, quando manifesta uma orientação. Por muito redutora que seja esta abordagem intuitiva do sentido, ela permite-nos compreender que as duas vertentes referidas relevam sempre de oposições estruturais: a significação implica a oposição paradigmática, e se outras condutas não forem possíveis, não é possível identificar uma direcção. Por conseguinte, a possibilidade estrutural da escolha ou da decisão (sem que isso signifique um simples voluntarismo) encontra-se no cerne da ideia de sentido. É por esta razão que

quando perguntamos pelo sentido, o nosso questionar se deixa reformular como uma pergunta pelos valores.

Posto isto, podemos dizer que há duas formas maiores de questionar um objecto: perguntamos pela sua verdade ou pelo seu sentido. No primeiro caso, procuramos conhecê-lo, no segundo, pensá-lo. Evidentemente que estas duas esferas não são independentes uma da outra. Para fundamentar o pensamento, devemos na medida do possível conhecer o objecto em causa, porém, nem tudo aquilo que pensamos se deixa conhecer. O átomo começou por ser pensado (filosoficamente) antes de ser conhecido positivamente, Deus pode ser pensado (e assim articulado num discurso com sentido, o religioso ou teológico) mas não se deixa conhecer positivamente.

Uma vez apresentada esta distinção, facilmente se compreende o horizonte de problematização de Nemésio: ele não pergunta pela verdade da ciência (a questão clássica que substancia essa inquirição é a pergunta pelos critérios de demarcação), mas sim pelo sentido da ciência e da técnica. Ou seja, ele propõe-se pensar um certo objecto, a saber, as "*dúvidas que se levantam ...acerca do caminho por onde a civilização conduz o homem moderno*" (21) a partir do conhecimento de uma "*sociedade empenhada nos prodígios do átomo e derivados*" (21). Os prodígios do átomo são apresentados a partir da história da ciência nas primeiras palestras, os seus derivados (*grosso modo*, culturais) nas últimas. É por esta razão que o título da obra equaciona uma implicação recíproca, a era do átomo e a crise do homem.

Como é que a era do átomo é correlativa à crise do homem? Nemésio diz-nos que toma o átomo como símbolo de duas realidades: por um lado, ele figura a partícula estrutural da matéria, por outro afecta uma desagregação espiritual, a despersonalização massificada, ou seja, atomística das sociedades contemporâneas. Assim, entre os problemas ou dúvidas que se levantam a propósito do caminho que elegemos (do horizonte de sentido que constituímos),

dois se erguem, segundo Nemésio, de forma premente: por um lado, "*o uso que as grandes potências farão dos seus arsenais atômicos*" (23) (hoje armas de destruição maciça como sublinha Fernando Gil), por outro, "*Que tipo de homem resultará da mecanização progressiva?*" (24).

Mas porquê promover o átomo a deus epónimo? Porque designar a nossa era como era do átomo? Nemésio diz-nos que ao contrário do conceito de idade que está sempre indexado a um instrumento que o adjectiva, por exemplo, idade da pedra lascada, o conceito de era evoca a um só tempo uma grande personalidade que o condiciona e traduz um sistema que o data (22). Daí a fortuna que a expressão comporta: por um lado, este novo deus epónimo representa um novo sistema na história da tecnologia, a "era atômica" (21), por outro, ele revela uma despersonalização, já que agora é uma partícula que a define. Posto isto, facilmente se compreende que a outra expressão designatória da mesma equação seja a crise do homem. A crise é entendida por Nemésio como "*a tensão na passagem de algo para algo, o momento de risco, logo, o de conversão de um estado em outro.*" (26), numa palavra "viragem problemática" (37). Ou seja, a crise do homem tem a ver com a sua própria conversão, com a passagem para um outro estado. Momento de risco, certamente, pois ele não tem nenhuma garantia que esse estado seja melhor que o anterior. Ora, como vimos atrás, esta crise, esta problematização, é correlativa a um novo domínio científico e às suas aplicações técnicas, a saber, tudo aquilo que Nemésio sintetiza na expressão "era do átomo". Em suma, a era do átomo não é para Nemésio apenas um momento na história da ciência, é igualmente um momento antropológico, pois agora os desafios que o homem enfrenta têm a ver com uma nova relação de si a si que era para ele anteriormente desconhecida.

É a partir deste desafio que a antropologia filosófica (ou seja, a concepção de homem) de Nemésio se torna clara: para o poeta, um conhecimento absoluto, essencialista e eterno do homem

está vedado. Uma vez enunciado este pressuposto, porque se trata de um verdadeiro pressuposto (que Fernando Gil inscreve no existencialismo cristão), decorre a seguinte inferência: "Mas se o homem não se conhece desse modo, é capaz de situar-se no contexto da natureza e da história. Sendo prisioneiro de ambas, consegue, pela segunda, sobrepujar a primeira." (26) Desta dinâmica, tira Nemésio a seguinte lição antropológica: "O homem está sempre em crise. Melhor: a crise é o próprio do homem." (27). Vejamos então como é que este tópico filosófico se deixa pensar a partir da história da ciência.

Não obstante o número elevado de breves capítulos, vinte e três ao todo, e o facto de Nemésio ser exímio na arte da fuga – ele desconcerta-nos com os temas que revela (por exemplo, no capítulo IV, ele evoca a experiência poética de um jovem estudante de um liceu ilhéu no princípio do século XX que descobre a eufonia na repetição oral da tabela periódica) assim como na capacidade de retomar o tema de onde partiu –, o ciclo obedece a uma divisão temática tripartida: as implicações antropológicas das novas teorias científicas, as alterações de ordem ética da instituição científica e as mudanças de ordem social que são correlativas aos dois domínios anteriores.

No primeiro registo, importa destacar o privilégio da noção de entropia⁸ e as relações de indeterminação da mecânica quântica, pois elas são, para Nemésio, correlativas a uma incerteza anímica; no

segundo registo, a morada contemporânea da ciência: "O laboratório de empresa é o cadinho da nova ética. O sábio melhorando espantosamente de meios de pesquisa, vê encurtada a sua iniciativa especulativamente livre em benefício do êxito prático e da condução racionalizada da produção tecnicista." (111). O terceiro registo, deixa-se simbolizar no "mito do brevet"⁹. Adquirido num "viveiro de educação" (75), ele torna apto o homem a transferir a sua liberdade e disponibilidade humana para o eficaz funcionamento da máquina.

Sem embargo para o tom de catilinária que esta resenha deixa transparecer (Nemésio é claramente um pessimista¹⁰), vale a pena ler os seus textos de meditação, pois como ele diz: "Estas considerações não depõem necessariamente, em última análise contra o sentido já agora inevitavelmente mecanicista de uma civilização inteira. Formulam apenas, em termos incisivos, o problema da reestruturação dos saberes, da revalidação dos modos e padrões da cultura tradicional, não só indiferente ou neutral ante a direcção mecânico-progressista da história, como causa dela talvez." (102).¹¹

Notas

¹ *The Pursuit of the Ideal in The Crooked Timber of Humanity*, 1990, Princeton, Princeton University Press, (p. 1).

² Cf. Ramin Jahanbegloo, *Conversations with Isaiah Berlin*, 1992, London, Peter Halban.

³ Lucrèce, *De la nature / De rerum natura*, 1998, Paris, Flammarion.

⁴ Cf. Jean Salem, *Lucrece et L'Éthique*, 1997, Paris, Vrin.

⁵ A oportunidade do texto de apresentação de Fernando Gil deve ser sublinhada. Aten-te-se ainda ao cuidado que ele teve em identificar os vários interlocutores filosóficos de Nemésio.

⁶ "Só os repetidores presunçosos dos achados alheios se fecham na torre de marfim da especialidade e do tabu." (49)

⁷ Cf. H. Arendt, *The Life of Mind*, 1978, New York, Harcourt Brace Javonovich, Publishers, (pp.53-65) Para Fernando Gil a tensão entre verdade e sentido comporta um alcance maior, já que é ela que define a modernidade: "a figura da ...modernidade, consiste na disjunção tendencial, nunca absoluta mas sempre agravada, da verdade e do sentido." *A inteligibilidade como problema in Balanço do Século*, 1990, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, (p. 12).

⁸ "... a <<entropia>> é uma das noções matemático-físicas mais importantes da ciência contemporânea e tem uma projecção filosófica de alto alcance." 39)

⁹ "O piloto ou o motorista mal intuem o sentido dos fins para que trabalham." (102)

¹⁰ "Não é pois a ciência o cimento de união dos povos e do mundo, como certo panglossismo progressista fez crer." (107)

¹¹ Algumas gralhas (do tipógrafo) e erros (dos autores que Nemésio leu) marcam a sua presença ao longo do texto. Não caíamos na desfaçatez de querer corrigir o poeta.